

Os alunos como fonte do Currículo

Resumo/reflexão sobre parte do texto "Curriculum Design" (T. Neville Postlethwaite)

Correndo o risco de me repetir, relativamente ao que alguns colegas já disseram, aqui está o meu contributo com aquilo que mais me despertou a atenção:

1. Centrar o desenho do currículo no aluno significa inverter um pouco o processo (da Escola) tradicional – ao invés de considerar "O que é que queremos que os alunos aprendam ou desenvolvam?", as questões de partida devem ser "Quais são os interesses e necessidades dos alunos? Como podemos potenciar as suas experiências anteriores? Que competências/saberes-fazer eles já possuem?"
2. Isto pressupõe duas condições de partida: a consulta prévia dos alunos e um trabalho de antecipação/preparação por parte do(s) professor(es).
3. A tomada de decisões sobre o desenho curricular não é feita a priori, o que implica que por oposição a uma lista de conteúdos pré-determinados a transmitir e objectivos a atingir, se opta por uma metodologia activa do tipo "resolução de problemas", que envolve e compromete igualmente alunos e professores.
4. O currículo passa a fazer mais sentido para os alunos, porque eles são parte integrante na tomada de decisões sobre o seu processo de aprendizagem – a Escola ganha sentido enquanto preparação para a vida!
5. Privilegia-se a visão integrada e global do conhecimento em vez da segmentação e sequenciação; os materiais a utilizar não são pré-seleccionados pelos professores, mas são procurados por todos de acordo com as necessidades; as actividades também não são pré-definidas pelos professores, mas sim com a colaboração dos alunos. O professor, como os alunos, é mais um "aprendente" na sala de aula.
6. A avaliação é um esforço comum em que todos (alunos e professor) participam. Privilegia-se a avaliação do processo de aprendizagem (em vez dos resultados) e a auto-avaliação.
7. O tempo e os espaços de aprendizagem são flexíveis e não se confinam à sala de aula e ao horário.

Claro que, pelo menos no plano teórico (porque muitas vezes a realidade levanta uma série de dificuldades e resistências que nem sempre é possível vencer), esta forma de encarar a "organização e o desenvolvimento curricular" apresenta uma série de vantagens relativamente ao currículo baseado em conteúdos e objectivos de

aprendizagem, que aliás o próprio texto salienta. A este propósito, gostaria de partilhar uma nota pessoal:

A leitura deste texto, reportou-me à minha actividade de formador de Cidadania e Profissionalidade (Processo RVCC e Curso EFA). De facto, trabalho não com um programa (um currículo) mas com um Referencial de Competências-Chave estruturado de uma forma suficientemente aberta e integradora de saberes (conhecimentos, saber-fazer e saber-estar) que me permite experimentar e ajudar a desenvolver processos de aprendizagem com todos os pressupostos atrás mencionados. Muitas vezes sinto que estou “no arame e sem rede”, porque a matéria de trabalho nem sempre é a prevista: é a que aparece, em função dos conhecimentos, competências, experiências, expectativas e ideias estereotipadas dos adultos. Às vezes ainda dou por mim a tentar “moldar” as coisas de modo a trazê-las para o campo onde me sinto mais seguro – o do encadeamento lógico de conceitos! É uma tendência quase “endémica” que me esforço por contrariar, hoje com mais sucesso que há algum tempo atrás, provavelmente, porque tenho menos receio de experimentar e errar... mas também porque os meus formandos não têm de demonstrar resultados de aprendizagem!

7 de Outubro de 2009